

Moda Sustentável

DO DESERTO AO HIGH END DESIGN

POR NIVEA HELUEY, DE DUBAI

Dubai é um nome recorrente. Seja na conversa sobre novos destinos turísticos, ou para falar da megalomania ascendente, seja para apontar arquiteturas e arranha-céus de quebrar o pescoço ou para ilustrar coisas impossíveis que, contra muitos prognósticos, se transformaram em realidade.

Mas se o papo é moda, o emirado badalado não se alinha na mesma frase onde são citadas Paris, Milão ou São Paulo. Du não se alinhava. Graças a projetos nem tão menos sonhadores quanto o do edifício mais alto do mundo, Dubai tem planos de entrar no mapa da moda mundial.

O primeiro evento que acena para o futuro fashion no Oriente Médio já tem data e local, e não é pouca coisa não: a próxima edição da *Vogue Fashion's Night Out* é aqui. Para não deixar a grandeza em segundo plano, o *gathering* luxo dos fashionistas orientais acontece no *Grand Atrium* do *Dubai Mall*, o maior shopping do mundo. E, claro, o mais luxuoso também.

O público do *Vogue Fashion Dubai Experience* vai – além de assistir desfiles internacionais e de designers locais – participar de sessões de *mentoring*, oferecidas por ninguém menos que Franca Sozzani, editora da *Vogue* Itália e idealizadora do projeto que aqui encontra na *Emaar Properties* – peso pesado da cena econômica local – o parceiro que viabiliza tudo. Um encontro deste porte não deixa a mensagem passar despercebida. Dubai está no circuito da moda mundial, como gente grande.

Não era sem tempo. Há alguns anos, vemos a presença ostensiva das grifes luxuosas do mundo ocidental, que se enfileiram, lado a lado, na disputa pelos *dilhans* dos locais e pelos dólares, euros, *yens* e *yuans* de turistas. E, se por um lado, as marcas consagradas e chanceladas pelas câmaras de comércio europeias reafirmam aqui o seu sucesso secular, a cada dia, novos talentos despontam na Babel multiétnica que é Dubai. Jovens árabes e suas *abayas* indescritíveis, indianos, paquistaneses e outras muitas nacionalidades, inclusive brasileira, fazem lançamentos e chegam a apresentar produtos realmente bons e prontos para o mercado, tanto do deserto pra cá, como pra lá.

Mas não é só com um evento que se faz fama. Os planos são muito mais ousados. Há menos de um mês, foi oficialmente lançada a primeira fase do projeto *Design District*, com previsão de lançamento para 2015. Trata-se de uma área integralmente dedicada à moda, *high end design*, arte e gastronomia. Com setores comerciais, residenciais e hospitalidade, o espaço público vai se caracterizar por uma arquitetura única e mobiliário urbano exclusivo, pontuando a vasta área em estilo *boulevard*, salpicado de hotéis *boutique* e internacionais, área de lojas *pop-up*, anfiteatros e centro de convenções.

Desde já deixando muita gente curiosa e contando os dias para tal lançamento, o projeto é englobado por um núcleo específico do secretariado executivo, o Dubai 2020, que desenvolve um trabalho extenso e determinado a levar o Emirado ao topo como vencedor para a *World Expo 2020*.



Bianca Parzenezi



Dubai Design District

Muito se faz pelo setor de venda, mas a dúvida ainda recai sobre a capacidade produtiva local. Não que falte espaço ou maquinário, mas a mão de obra ainda é fraca e despreparada. No que tange produção de moda e *know-how*, o Brasil está anos-luz à frente. Como cuidar deste detalhe é a pergunta que não quer calar entre a comunidade de *designers* locais, que ainda busca fornecedores em larga escala nos vizinhos Índia, Sri Lanka e Bangladesh.

Bianca Parzenezi é brasileira, estilista e *stylist* em Dubai. Segundo aponta, apesar de tudo, o país conta com boas escolas internacionais de moda e investimento nos talentos locais. "Digamos que Dubai está passando por uma repaginada na área da moda e está muito perto de se tornar um dos mais fortes mercados", acredita.

De Dubai para o mundo, Parzenezi vai, aos poucos, com sua grife homônima, abrindo sua produção de *kaftans* exclusivos para o Brasil e também Europa, sob o espectro do comércio justo e sustentável.

E se tudo isso aqui era deserto há 40 anos, não duvide se, em mais dois, o pequenino país esteja exportando produção para as capitais da moda. Espera-se que mandem não só produção, como também um recado aos colegas acostumados com a exploração de mão de obra barata e relações de trabalho que só não chamam deliberadamente de escravidão para não causar incômodo demais.